

Quando a professora Carolina Pescatori me convidou para colaborar na sessão Passagens desta publicação, o primeiro ensaio fotográfico que me veio à mente foi esse, realizado em 2013, e que permanecia ainda inédito.

Sou arquiteta, graduada pela Universidade de Brasília em 2003, e desde que formei sou fotógrafa de arquitetura. Para além de fotografar para os arquitetos seus projetos atuais, frequentemente sou comissionada para documentar os monumentos modernos, principalmente em Brasília, onde nasci e vivo.

Esse ensaio que mostro aqui não surgiu da demanda de um cliente. Eu e dois amigos fotógrafos nos colocamos o desafio de mostrar a cidade como a vivemos, na escala mais próxima de nossas casas, quando crianças. Me propus a falar, como diz o nome dessa sessão, das *Passagens*, os caminhos que eu percorria no quadrado delimitado pela Superquadra 309 Sul. Minha intenção, como uma fotógrafa estabelecida “de monumentos”, era sair e falar sobre o oposto, o ordinário. Mostrar Brasília para além da visão espetaculosa, apresentá-la pelo percurso de uma criança do Plano Piloto que caminha até o clube, o supermercado, o restaurante, a escola, a papelaria, a aula de balé, o centro cultural.

E por essas passagens, há os pontos de encontro e permanência. O banco onde todos se encontravam pra conversar sem precisar combinar, a quadra de futebol, a banca de revista. Os encontros ficam apenas na lembrança, não registrados nas fotografias. Nas amplas Superquadras é difícil cruzar com alguém por esses caminhos. As imagens não têm pessoas e a luz difusa de um dia nublado dá um aspecto de abandono aos lugares. Os indícios da presença humana se apresentam nos carros estacionados, no carrinho de cachorro quente que vai ser montado para receber clientes ao cair da tarde, no chaveiro que fica no beco sem aberturas nas laterais nem movimento e nas fachadas que indicam que alguém ali dentro em algum momento abriu caminho pra luz entrar.

A imagem que encerra esse ensaio (e o dia) mostra alguns novos caminhos, rasgando diagonais, que não estavam no planejamento ortogonal dos urbanistas da década de 1960, e que apontam o percurso natural feito pelos caminhantes, por entre as árvores da cidade-parque. Eles começam como rastros de terra, abertos pelos passos de quem caminha e sabe o melhor jeito de chegar. Abrindo, assim, novas *linhas de desejo** nessa cidade planejada para os carros.

* referência ao ensaio fotográfico *Andamentos* de Diego Bresani (<https://www.diegobresani.com/projeto-em-andamento>)















